

A Brasília, com muito amor

FERNANDO PINTO
Repórter Especial

Na missão de repórter, vi Brasília crescer, desde o início: nos primeiros acampamentos, na visita do presidente Eisenhower (foi ele quem colocou a primeira colherada de cimento na pedra inaugural da embaixada americana), no encontro da Caravana de Integração Nacional (14 dias de Belém a Brasília, de jipe — considerada então verdadeira façanha), na vivência da alegre e movimentada Cidade Livre — onde a gente tinha a impressão que era personagem de um filme de faroeste, sem nos darmos conta de que se tratava mesmo da conquista do longínquo oeste brasileiro.

E mais importante do que tudo isso: vi Brasília nascendo em espírito e em verdade nas lágrimas de Juscelino, naquela solene noite de 21 de abril de 1960, ali quase ao lado dele no palanque de honra, tentando desengasgar a sufocante emoção para escrever um modesto pedacinho da nova História do Brasil.

Vi tudo isso e muito mais (a fragorosa queda de Jânio e a tensa volta de Jango descendo no aeroporto com as luzes de seu avião apagadas), sem contudo ter o direito de reivindicar o nobre título de pioneiro (frustração sem cura), assim por exemplo como o Dr. Edson Porto, que foi o primeiro médico a clinicar em pleno chão batido do então projeto de uma capital de linhas arquitetônicas arrojadas que assombrariam o mundo.

—“Cheguei em 1956. Aqui ainda não havia nada...”
Ele e outros milhares (a grande maioria no anonimato) não só viram Brasília desde o início, mas viveram Brasília permanentemente no transcurso das vacas gordas e das vacas magras. E para os que já morreram, está sendo celebrada hoje, às 9 horas, lá no cruzeiro do Campo da Esperança (final da W.3 Sul) a Missa da Saudade.



Prof. Alberto Pères, presidente do Clube dos Pioneiros: Apesar de tão jovem, Brasília já é uma cidade com personalidade firmada

Cidade boa e generosa

Eleito pela primeira vez para o Clube dos Pioneiros de Brasília (fundado a 20 de dezembro de 74), como presidente do triênio 80/83 e reeleito para 83/85, com posse solene já marcada na grande festa de homenagem aos pioneiros no jantar do próximo dia 16 (sexta) no Iate Clube, o Prof. Alberto Pères não se faz de rogado quando o “sequestramos” de sua sala de Diretor-Presidente do CEUB para ilustrar uma foto no mirante da Torre, isso numa hora de grande movimento em sua Universidade.

—“Se é para o bem de Brasília, podem me seqüestrar à vontade...” Mineiro de Pouso Alegre, não obstante ser considerado um dos pioneiros mais bem-sucedidos da capital federal, o presidente do Clube dos Pioneiros ainda não perdeu aquele jeito simples, próprio dos mestres-escola do interior, fala pausada, ar circunspecto que se transforma num sorriso quando começa a falar de um passado que se transforma em presente em suas palavras cheias de um entusiasmo juvenil.

—“Cheguei a Brasília no dia 11 de janeiro de 1960, três meses antes da cidade ser inaugurada oficialmente, mas ela já existia de fato com o mesmo arrojado que a acompanha até hoje. E acho que Brasília deve partir com determinação para preservar sua memória em todos os ângulos de sua curta e rica história. As construções de seus primeiros dias, quer na Cidade Livre ou na Candangolândia, correm

sério risco de desaparecerem pela falta de conservação e até, quem sabe, de tombamento. Ficaria muito difícil para gerações de hoje imaginar como foi a vida da cidade antes da inauguração. Algumas construções poderiam ser incorporadas ao esforço do GDF e de instituições como o Instituto Histórico e o nosso Clube, para serem conservadas”.

Do ponto de vista da cidade, o prof. Pères acha que Brasília tem correspondido plenamente:

—“Os chamados tempos áureos, quando as oportunidades atropelavam os pioneiros, ainda continuam, isso dentro de uma visão de cidade consolidada. Para os que chegam, como para os que estão, o campo de trabalho e de iniciativas é mais intenso do que em cidades já feitas. E verdade que Brasília não escapou da crise, mas a implementação de todos os seus setores de atividades ainda vai longe. E muita coisa há por fazer, subordinando-se ao espírito criador de cada um”.

Pères destaca um setor em que Brasília se sobressai no panorama geral do País: a área do ensino, sem entrar no mérito da universidade (CEUB) que ele e um grupo de professores fundou em outubro de 1967.

—“Em todos os níveis e graus de ensino, Brasília tem um elevadíssimo índice de oferta e aceitação. Militando no ensino há 40 anos, continuo convencido de que a educação e a cultura resolvem os problemas de qualquer nacionalidade”.

Fotos: Wilson Pedrosa



Affonso Hellodoro: amigo e conterrâneo, nunca saiu de perto de Juscelino

Primeiro médico: 1956

Onde encontrar os pioneiros de Brasília numa sexta-feira, quase véspera do que ficou convenção se chamar “O Dia do Pioneiro”, 12 de setembro? A relação é grande, com alguns nomes respeitáveis que merecem certa prioridade na procura pelo muito que já deram de si ao contexto brasiliense. O Dr. Ernesto Silva, que já foi presidente da Novacap nos tempos da construção a toque de caixa, é um deles, contudo ausente, viajando. D. Eloá Meirelles, da LBA, é outra: “Ela pede desculpas por não poder dar entrevista porque teve um derrame na última segunda-feira”.

Felizmente, o terceiro da lista nos recebe com um largo sorriso numa sala sem luxo no 10º andar do antigo prédio do INPS: —“O senhor está procurando um pioneiro ou um plotário?”

O Dr. Edson Porto sabe que “plotário” é um neologismo brasiliense inventado para identificar os pioneiros que não conseguiram juntar dinheiro no tempo das vacas gordas (ofertas de bons empregos, terrenos no lago e etcétera). Mas ele não é tão pobre assim, pelo menos em experiências vividas e sentidas. Isso muito antes que Brasília fosse batizada com as lágrimas bentas de Juscelino, na noite de 21 de abril de 1960.

—“Cheguei em 1956. Brasília não tinha nada, nem posto médico. Vim justamente para montar o primeiro”.

Mineiro de Araguari, formado pela Faculdade Nacional de Medicina (RJ), com apenas os cabelos grisalhos denunciando os 52 anos que mal aparenta, o

pediatra Edson Porto ostenta historicamente o orgulho de ter sido o primeiro médico a exercer a profissão no Distrito Federal.

—“Como não havia alojamentos suficientes, os meus primeiros 15 dias dormi no Catetinho. Depois me alojei no próprio Posto Médico, que constava de uma barraca, apenas um leito para repouso e com a prestimosa ajuda do enfermeiro Raimundo Rodrigues. Atendíamos o pessoal dos acampamentos, principalmente atacados de diarreias, isto porque a alimentação estava mal dosada já que era prevista para apenas 60 pessoas e em apenas dois meses havia mais de 400 trabalhando. Os piores casos foram mesmo de picada de cobra venenosa, principalmente jararaca, quando começou o desmatamento do lago. Me lembro que em duas semanas houve 16 candangos picados por cobras. Felizmente, ninguém morreu porque quando o caso era mais grave a gente remetia o doente nos aviões da Novacap para Goiânia”.

O Dr. Edson Porto ficou seis meses no Posto Médico, até que foi inaugurado o primeiro hospital de Campanha, o HJKO, do qual foi o primeiro diretor. Hoje com seis filhos candangos, ele lembra que no princípio teve dúvidas sobre a transferência da nova capital:

—“Só passei a acreditar mesmo quando vi Juscelino arregaçar as mangas. E ele dizia pro pessoal que construía o aeroporto: ou vocês terminam essa pista, ou fazem a pista. Era o tempo dos trocadilhos”.

Memorial de fidelidade

No Memorial a JK, um homem magro, ainda empertigado apesar de seus 67 anos, pode ser encontrado a qualquer hora do expediente, seja porque ocupa o cargo de Secretário-Geral daquela sociedade civil ou porque gosta de ficar por perto do velho amigo Juscelino que conheceu em 1933: Coronel Affonso Hellodoro dos Santos.

—“Foi na polícia militar mineira. Eu estava entrando como aspirante a oficial e ele já era um conhecido capitão-médico. Desde então, na verdade, quase nunca nos separamos”.

Chefe da Casa Militar do então governador de Minas e Sub-chefe da Presidência da República nas gestões de Juscelino Kubitschek, o coronel Affonso sempre acompanhava o presidente nas primeiras viagens ao Planalto, compartilhando as mesmas emoções e dificuldades, até mesmo as horas difíceis de quando certos políticos faziam resistência à transferência da Capital. Mas ele nunca teve dúvidas a respeito porque conhecia o caráter de seu amigo e conterrâneo, lembrando o privilégio de ter sido aluno da Professora Júlia, a

mãe do homem que fundaria Brasília.

—“O presidente não era de se abalar com qualquer tipo de dificuldade. Que me lembro, só vi abalado mesmo foi no exílio, na Espanha, mas era um abalo de saudades de sua pátria, particularmente da cidade que sempre amou e que era a sua terceira filha, além de Márcia e Maristela”.

Primeiro da lista dos pioneiros que serão homenageados na próxima sexta-feira, o mineiro Affonso herdou de Juscelino o grande amor por uma cidade: “Brasília nos oferece um espetáculo gratuito todos os dias, esse céu limpo, essas tardes acolhedoras e essas noites maravilhosas. E tem a vantagem de ser ainda o degreú da conquista definitiva do oeste brasileiro”.

Sobre o Memorial JK, garante que é o monumento mais visitado do país depois do Museu Imperial de Petrópolis: “de janeiro a junho deste ano, 71 mil pessoas adultas visitaram o memorial”.

Amanhã, dia 12, aniversário de Juscelino, está sendo esperado um grande número de visitantes.

O lar afinal encontrado

O homem instalado na enorme mesa (cerca de dezenas de troféus nas prateleiras em volta e exatamente 36 diplomas na parede) é o retrato vivo do sujeito feliz, fala descontraída, gestos largos nos braços de músculos fortes para quem já tem 50 anos: Júlio César Simões Adnet, judoca faixa-preta 5º dan, legítimo proprietário da conhecida e eclética Academia Adnet, ali na W-5 perto do Elefante Branco. Ele também está na lista dos homenageados do Clube dos Pioneiros. Mas a sua empolgação é por ter descoberto Brasília:

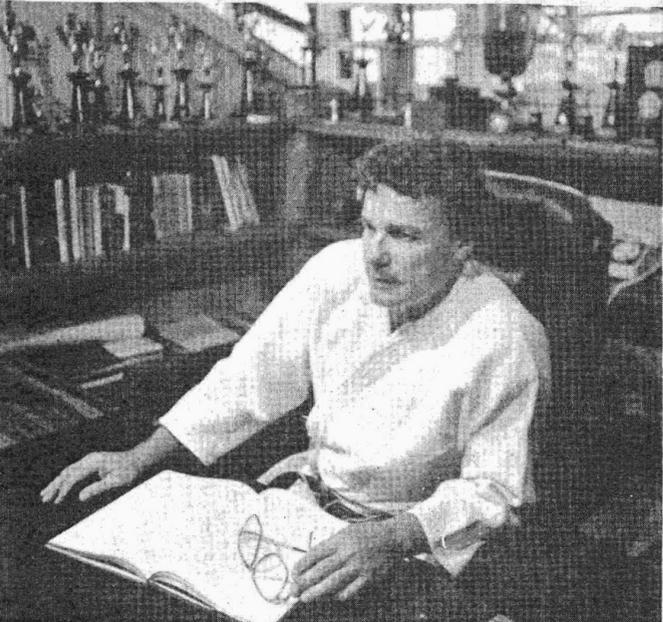
—“Nasci em Vitória, mas me criei no Rio, mais exatamente em Ipanema. Tudo era muito bom e legal, porém confesso que me sentia inquieto, uma insatisfação esquisita, assim como se não tivesse ainda encontrado o lugar certo para morar. Mas quando me transferi para Brasília descobri logo de cara a cidade sonhada que estava procurando há muito tempo”.

Cursando a Escola Nacional de Educação Física e funcionamento do Banco do Brasil, ao ser transferido em 1961 para a nova capital (“foi Juscelino quem

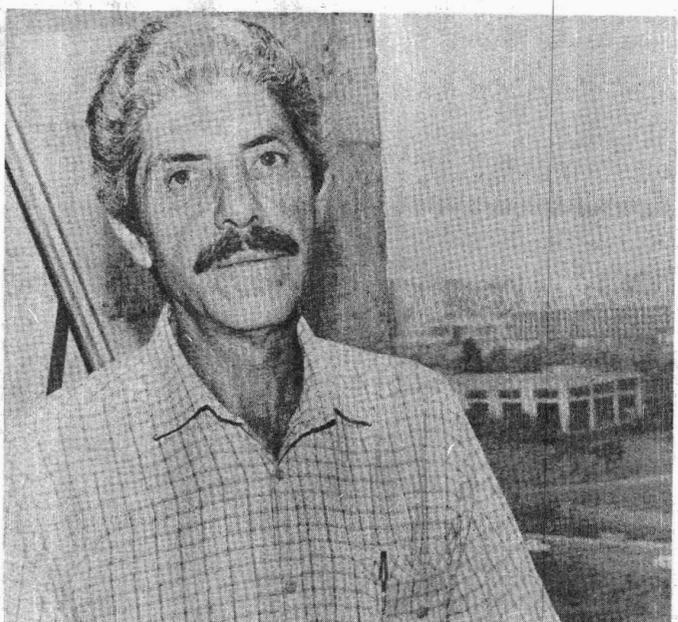
me convocou”) Júlio Adnet veio morar no pitoresco acampamento construído para os funcionários do BB, conjunto improvisado que ganhou o apelido de “Lâmina”.

—“Em 1962 fui buscar minha noiva na Europa para casar. E ela veio diretamente de Paris para morar na “Lâmina”. E foi uma lua de mel linda da “Lâmina” Júlio recebeu do BB um “apartamento grandão” na 114-Sul. Ali improvisou seu primeiro estúdio de ginástica, onde dava aulas de Judo. Depois começou a ensinar a garotada do Colégio Rosário e em seguida a do Colégio La Salle. Em 1967, comprou na W-5 um terreno de 5 mil metros quadrados no valor de 24.500 cruzeiros “na ficha”, área em que construiu sua moderna Academia e uma bela casa ao lado, onde divide a felicidade com a esposa Ana Luísa e os filhos Alexandre (20 anos) e Adriana (18).

—“Já me ofereceram 500 milhões à vista só pela Academia. Mas não vou por dinheiro nenhum. Para mim, não tem preço aquilo que construí com a ajuda de Ana Luísa, nesta cidade que é nossa e que tanto amamos”.



Julio Adnet: a descoberta da cidade sonhada para viver em amor



Dr. Edson Porto: desde os tempos das cobras venenosas do Lago

Aldo: o pioneiro multimilionário

Apesar de não ter conseguido mansão com piscina na beira do lago ou não ter aproveitado suas relações de amizade para multiplicar fortuna em investimentos imobiliários, o paulistano da Barra Funda, Aldo Chiodi, de 68 anos de idade, pode ser apontado como o pioneiro mais rico de Brasília — se é que paz interior, simpatia contagiante e respeito de seus semelhantes podem significar riqueza.

—“Eu trabalhava no Clubinho dos Artistas, em São Paulo, quando o Mauricio Fernandes me convidou para vir trabalhar no Brasília Palace Hotel como maître. Cheguei aqui no dia 1º de abril de 1959, parece mentira, não é?”.

Fala mansa, competência comprovada na difícil arte de ajelhar coquetéis com pouco dinheiro, Aldo Chiodi era uma figura idolatrada no Clubinho por personagens do quilate de Ulysses Guimarães, Severo

Gomes, Di Cavalcanti e tanta gente boa: “quando o doutor Juscelino ia a São Paulo, costumava sempre dar um pulinho no Clubinho”. Por extensão, sua presença em Brasília era disputada por seus amigos — patrões ou patrões-amigos: o Tjurs, que o conhecia de São Paulo, arrancou-o quase à força do Brasília Palace Hotel, levando-o para ocupar o cargo de maître do Hotel Nacional. Pouco depois, quase no mesmo estilo, o então reitor Darcy Ribeiro foi buscá-lo no Nacional para montar e dirigir o restaurante da UnB, onde ficou seis anos, até que o teimoso Tjurs apareceu para reconquistá-lo com o objetivo de inaugurar o restaurante da Torre e acumular as funções de maître de confiança da direção do Hotel Nacional.

— Foi aí que apareceram os doutores Paulo Jardim (atual comodoro do Iate Clube), Sebastião Valadares e Onísio Lu-

dovico. “O doutor Paulo lhe paga o dobro do que você está ganhando aqui no hotel, Aldo. E fui pro Iate”.

Mas a guerra de conquista não parou aí, sendo Aldo seqüestrado pelo pessoal do Clube Naval para montar o novo restaurante (1974/77), sendo recapturado para o mesmo fim pelos diretores da ASBAC, onde ficou três anos até se aposentar.

—“No dia que a Katucha anunciou a minha aposentadoria, o doutor Paulo Jardim foi lá me buscar: Você está aposentado, Aldo, mas pode perfeitamente voltar a trabalhar com a gente no Iate”.

No Iate Clube, Aldo é amado por todos. Mas a sua maior alegria é falar na sua filha Vera, professora da UnB, que já lhe deu dois netinhos, Gabriel (8 anos), e Adriana (2 anos).

—“Minha família é a minha fortuna. E foi Brasília que me deu isso”.



Aldo Chiodi: inauguração do Clube Naval de Brasília